



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Territórios: Cidades e Campos [AT]

A PRAIA DE CARCAVELOS COM PRAIA METROPOLITANA. DINÂMICAS E VIVÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Miguel

Mestre em Sociologia, CICS.NOVA FCSH-UNL, pedro.m.almeida@fesh.unl.pt

Resumo

Propomos explorar e analisar vivências na Praia de Carcavelos, território cascalense integrado na área metropolitana de Lisboa. Para tal, estabelecemos enfoque nos seus usos e vivência quotidiana que se demonstram ricos. A postura etnográfica e a observação directa, bem como o uso de entrevistas, foram determinantes. Destacamos como resultado a dinâmica metropolitana (Bassand et al, 2001, Martinotti, 1993) em que assentam as interacções sociais que neste espaço ocorrem. A vida quotidiana do lugar não pode ser tomada como homogénea, a sua apropriação manifesta-se em abundância de experiências distintas, miscigenada e, por isso mesmo, complexa. Os seus utentes, que desfrutam da frente de mar e dos seus diversos equipamentos, contribuem para um mosaico de interacções que se estabelece entre indivíduos distintos quanto à idade, género, etnia, classe social e oriundos de uma miríade de territórios da metrópole lisboeta. A praia é um lugar privilegiado para uma apropriação dirigida a actividades lúdicas, inequivocamente uma dita “landscape of pleasure” (Hannigan, 2000), onde encontramos reunidos uma panóplia de actores sociais não apenas residentes como também aqueles chegados a ela provenientes de vários concelhos metropolitanos. Estes indivíduos reúnem-se neste espaço em concreto para fruir e usufruir não só das características cénicas do espaço, mas também para práticas de outras actividades, onerosas ou não, que podem ser engajadas de forma agregada ou individualmente.

Abstract

We propose to explore and analyze experiences in the Beach of Carcavelos, territory of Cascais which is in the Lisbon metropolitan area. Doing so, we established our focus in its everyday life uses and experiences, that were vast. The ethnographic approach and direct observation, as well as the use of interviews, were decisive. We remark as a result the metropolitan dynamic (Bassand et al, 2001, Martinotti, 1993) in which social interactions occurs in the place. The everyday life experience is not homogeneous, because its appropriation is seen in an abundance of distinctive and mixed experiences, and for so complex. The users that can enjoy its sea front and its diversity of equipment contribute to an inlay of interactions that are established between different individuals concerning age, gender, ethnic and social social class which are originated from a myriad of territories of the Lisbon metropolitan area. The beach is a privileged territory for appropriation concerning leisure activities, unequivocally as a “landscape of pleasure” (Hannigan, 2000), where we find reunited many social actors, not only the resident ones but also from other places of the metropolis. These individuals gather in this space in particular to enjoy not only the scenic characteristics of the space, but also to engage in other activities, onerous or not, that can be practiced individually or in group.

Palavras-chave: Praia; Metrópole; Metropolização; Lazer; Consumo

Keywords: Beach; Metropolis; Metropolization; Leisure; Consumption

[COM0492]

Afirmamos que a praia de Carcavelos é um território com uma vivência quotidiana vincada numa lógica metropolitana (Martinotti, 1993, pp. 21-34, 35-40; Bassand, 2007, pp. 165-168). Pretendemos ao longo deste ponto consolidar essa asserção. De igual maneira, procederemos à consolidação do argumentário no que respeita a outra asserção veiculada, a saber, o facto de não considerarmos esta praia, pelo que se destacou no real vivido, como um destino turístico por excelência.

No decurso do nosso percurso etnográfico na praia evidenciou-se, desde logo, que o seu uso não se cingia apenas a residentes, mas que era estendido particularmente a outros actores sociais provenientes de outros concelhos metropolitanos. A forte presença e a muito significativa apropriação da praia por indivíduos provenientes de diferentes lugares da metrópole de Lisboa. Num percurso etnográfico é de grande relevância saber escutar as informações que os restantes actores sociais nos fornecem, seja consciente – *e.g.*, entrevistas informais – seja inconscientemente – o que implica da parte do investigador que esteja atento a conversas entre indivíduos diversos. Saber escutar tornou-se numa arte e numa arte profícua e mediante o aperfeiçoamento da escuta das conversas entre actores sociais, estivéssemos directamente envolvidos ou como meros espectadores, viemos a ter conhecimento do ponto de origem de um número significativo de actores. O recurso a tal técnica, auscultar a informação que é transmitida e que ‘paira’ no ar, foi-nos tremendamente útil não só para o que remete para as práticas e a apropriação do espaço quer em termos de usos ditos diurnos como também para os usos nocturnos da praia. Os actores sociais podem tornar-se informantes mesmo sem dar conta do sucedido e como nos diz Bernard observar e escutar resultam em importantes notas descritivas (Bernard, 2006, p. 397), úteis para o processo de investigação e seu resultado. Acrescenta ainda que durante a observação participante o investigador tenta colocar à vontade – se estiver a ser demasiado interferente – os indivíduos, de modo a que os mesmos esqueçam de que os estamos a escutar (Bernard, 2006, 437) e a recolher informações que nos demonstrarão ter bastante utilidade,

Por palavras proferidas pelos próprios actores sociais, engajados nas suas interações, compreendemos que muitos deles divulgavam ser oriundos da cidade de Lisboa, de Oeiras, do Cacém e de outros lugares do concelho de da vila de Sintra, da Amadora, Odivelas, Loures e até, da margem sul, Almada, regra geral com Lisboa a liderar o *ranking*. Outro aspecto, ainda que meramente indiciário e que só deve ser tomado como indicador, é a observação das placas de matrícula dos veículos parqueados nos diversos estacionamento que servem a praia. Alguma placas de matrícula portam, para além dos componentes legais exigidos, uma placa adicional mencionando o *stand* e o local de aquisição do veículo. Muitos dos veículos que haviam a ostentar essa placa complementar à de matrícula evidenciavam que os mesmos haviam sido adquiridos em, *e.g.*, na cidade de Lisboa. Como relevámos, esta característica apenas pode ser considerada no âmbito dos indicadores, sem que possamos verdadeiramente extrapolar muito mais, ou pelo menos, de tecer considerações assertivas ou categóricas. Possui, quanto muito, um carácter heurístico que nos move a considerar que alguns desses veículos são pertença de residentes em Lisboa, porém não descuramos que vários deles possam ter sido adquiridos nessa cidade por actores sociais residentes noutros locais. Por fim, em termos indiciais, contamos ainda com a observação e análise de autocolantes apostos nos veículos. Verificamos uma vez mais nesta proposição de José Machado Pais de que vivemos numa sociedade onde se quer dar nas vistas (Pais, 2010, pp. 40, 41-47), quer seja em vidros, pára-choques ou mesmo chapa, em que os mesmos comunicam connosco e nos informam de que aquela pessoa reside – ou faz-se passar por residente – em Lisboa.

Outra fonte de informação que nos permitiu compreender que muitos dos utilizadores da praia de Carcavelos não eram somente residentes proveio de entrevistas, tenham sido em registo formal ou informal, que aplicámos. Considerando as entrevistas formais, todas elas elaboradas em formato semi-dirigido, estas foram essencialmente postas em prática a proprietários de estabelecimentos comerciais sediados na praia. Deixaremos aqui o exemplo de duas delas, trabalhando desta forma como nossas testemunhas:

«[...] *Investigador – Os clientes aqui do café são habituais ou...*

Entrevistado – Temos alguns clientes habituais, que vêm aqui também no Inverno, moram aqui perto, alguns de Lisboa e aqui arredores, Oeiras também vem muita gente de Oeiras, sim...

I – Cascais?

E – Cascais se calhar já não tanto, mas apanha é muita gente de Lisboa aqui. No Verão é lógico, vamos muito com as pessoas que vêm de Lisboa que é das primeiras praias aqui da Linha quem vem de Lisboa. Muitos dos nossos clientes vêm de Lisboa, até mesmo pessoas que vêm aqui simplesmente vem almoçar, se calhar fazem reuniões de negócios muitas vezes. A malta que vem ali de Lisboa, do Oeiras... ali da zona dos escritórios do Tagus Park.

I – Em termos de grupos etários, mais ou menos, quais são as idades das pessoas que vêm cá? São empresários muito novos, gente mais nova...

*E – Sim. Por exemplo tem gente aqui engravatada que vem fazer umas ondas na hora de almoço, vem aqui beber um cafezinho ou almoçar, chegam ali acima passam uma esponjinha e vão para o escritório. Tenho muitos clientes desse género. Coisa que eu não via em Cascais, por exemplo. Lá também não tem ondas não é, mas tem muita gente a praticar vela, windsurf, etc., mas já não se vê esse espírito. Aqui é gente mais jovem, mais portuguesas. Anda tudo entre os 16 e os quarenta e poucos, mas a maior parte anda por volta dos 30 anos. É malta mais nova que vem para aqui. [...]»
(excerto de entrevista semi-dirigida realizada a um proprietário de um restaurante-bar, conduzida em 23/05/2011)*

Deste primeiro excerto depreendemos, fazendo fé nas palavras do entrevistado, que os clientes mais habituais que utilizam o estabelecimento são proveniente não só de áreas próximas à praia, mas também de outras zonas da AML, tais como Lisboa e Oeiras. Nega que tenha um número significativo de clientes oriundos do próprio concelho, exceptuando evidentemente aqueles das áreas mais próximas da freguesia de Carcavelos, sustentando por palavras próprias que de Cascais já não tanto.

Justifica que o facto de muitos dos seus clientes serem da cidade de Lisboa se deve à proximidade da praia – sendo que realmente, constatámo-lo, é a praia atlântica, de mar, menos distante de Lisboa – e enfatiza os períodos de Verão. Quanto aos clientes chegados de Oeiras, argumenta que tal se deve à proximidade de grandes centros de escritórios de onde alguns indivíduos se deslocam à praia para almoçar ou até mesmo para praticar um pouco de *surf*.

Indica por fim que a média dos seus clientes, também metropolitanos, acrescentaríamos nós, se distribui por adolescentes, jovens adultos e outros adultos. Em todo o caso, sugere que a maioria deles se distribui pela faixa etária dos 30 anos, ou seja, jovens adultos.

Acompanhemos agora um segundo excerto, de outra entrevista, em que a conclusão veiculada, respeitante ao carácter metropolitano dos utilizadores da praia, é muito semelhante:

«[...] *Investigador – Quem é que são os vossos clientes, mais ou menos, aqui? Quem é que costuma vir cá, que média de idades...*

Entrevistado – Neste momento, de há uns anos para cá inclusive, são... basicamente é a partir dos vinte e cinco. A partir dos vinte e cinco. Não quer dizer que não tenhamos também gente relacionada com o surf com menos... mais novos. Gente da nossa escola de surf, que nós temos aqui também, aparecem gente substancialmente mais nova. Mas basicamente é a partir de vinte e cinco anos. Vinte e cinco, sim, normalmente.

I – Vêm de fora, são aqui da zona...

E – Olhe, nós nunca fizemos um estudo sobre isso...

I – Sim, mas pelo que conhece...

E – Vem muita gente aqui da zona, mas também vem bastante gente de fora, que eu não tinha ideia, e vou perguntando às vezes, e também vem gente de Lisboa, penso que da zona de Sintra, poderá vir também dali alguma, mas basicamente acho que é a grande... da Linha de Cascais. Mas eu arrisco-me a dizer que 20%, 20 a 30%, será de fora daqui, Lisboa e Linha de Sintra.

I – Cascais, pouca gente? Cascais, mais do centro?

E – Sim, há bastante de Cascais que não conhecem isto, sequer. Cidade, a cidade de Cascais, a Vila. A vila de Cascais. [...]

E – [...] Então começámos a fazer t-shirts e começámos a meter... o reclame lá em cima. Pronto. E as pessoas viram o reclame ali, com certeza que deve ter sido por causa disso, ‘Estão abertos?’, ‘Estamos. Entrem, entrem.’ As pessoas todas cheias de água e não sei o quê e entraram. Comeram uma tosta cada um, batidos e sumos, ou sumos, não me lembro bem. E eu perguntei-lhes, por curiosidade, tenho curiosidade para saber como é que dois malucos, um casal, vêm-me aparecer aqui à uma da manhã, num dia de temporal; meia-noite, por aí, não me lembro bem. Disse assim ‘desculpem lá, vocês são... vocês já conheciam isto aqui?’, ‘já, já, já conhecemos, viemos aqui comer uma tosta.’ Saíram de casa para comer uma tosta. ‘Vocês moram aqui perto?’, ‘Ah, moramos...’, já não me lembro exactamente onde era, mas era Algés, Lisboa... era já longe, para sair de casa e comer uma tosta, quer dizer, têm que gostar mesmo do produto. ‘Ah, está bem, está bem.’ Depois vieram pagar e eu disse ‘olhe, não é nada.’, ‘não é nada?’. Eu disse assim ‘olhe, só por vocês terem tido a coragem de sair num dia destes, eu vou-vos oferecer a vossa conta.’ Eles fartaram-se de rir, olharam um para o outro e ‘olha, obrigado’. [...]» (excerto de entrevista semi-dirigida realizada a um proprietário de um restaurante-bar, conduzida em 04/05/2012)

Mediante a leitura e análise deste excerto constatamos que os clientes que utilizam este estabelecimento comercial são essencialmente jovens adultos, embora também possamos encontrar bastantes adolescentes, muitos deles por responsabilidade da escola de *surf* apensa e da prática deste desporto.

Quanto à proveniência territorial, e apesar de assegurar que nunca realizou nenhum estudo sobre o assunto, afirma que tem muita gente de fora. Exemplifica com algumas áreas, remetendo-nos para Lisboa, Sintra e eventualmente Oeiras. Admite que cerca de vinte a trinta por cento dos seus clientes não sejam residentes, antes actores sociais provindos de outros territórios da metrópole. Esta informação, de ter clientes que não sejam residentes, é-lhes fornecida por alguns deles a quem questiona de onde são.

Nestas duas entrevistas temos claramente um cenário que aponta para um uso metropolitano da praia, tal como já adiantáramos.

Luís Vicente Baptista e Joan Josep Pujadas indicam que se têm produzido transformações decisivas no tecido urbano das cidades no último meio século (Baptista e Pujadas, 2000, p. 294), o que é notório tanto na sua morfologia e funções, como, prosseguem, nas relações sociais pré-existentes. Apontam, no mesmo texto, que um dos fenómenos mais influentes no que concerne à vida das populações é o da metropolização das cidades e dos núcleos periurbanos, com conseqüente reforço da sua dependência mútua, com incremento dos fluxos de pessoas, bens e serviços, formatando sistemas regionais (*idem, ibidem*). Trata-se, segundo os autores, de um fenómeno de cidades já sem fronteiras físicas claras nem claras, num processo de constante expansão. Tal facto, acrescentam, favorece o aparecimento de novos actores sociais que entram em conflito com os interesses e as dinâmicas dos grupos já instalados de residentes e de utilizadores das cidades. As cidades como grandes protagonistas da nossa época detêm uma dinâmica que advém de uma articulação complexa e multidimensional que é o resultado da convergência do agenciamento dos governos locais, dos agentes económicos de cariz público e privado, das organizações sociais e cívicas, entre outras (Baptista e Pujadas, 2000, p. 295).

Também no caso da praia de Carcavelos, e seguindo a linha de raciocínio de Luís Baptista e Joan Pujadas, encontramos aglomerados de operadores públicos e privados, interessados em conquistar este espaço, para uma consolidação de ofertas de serviços financeiros e comerciais (*idem, ibidem*). Como resultado, os urbanitas moradores destas cidades, embutidas num complexo contexto de metropolização, vêem-se submetidos a novas formas de convivência, fruto da presença de novos actores sociais que surgem na cena urbana, à alteração dos espaços físicos e a novas formas urbanísticas, consequência da intervenção dos poderes públicos e privados na vida dos lugares (*idem, ibidem*). Sugerem os autores que mudam as tendências, mudam os espaços urbanos e os estilos de vida, ainda que estas transformações não se apresentem homogêneas nem detenham um ritmo constante nem generalizado, tal devendo-se ao facto das cidades serem como, dizem, um compêndio de enclaves descontínuos, autocentrados e com graus diversos de participação nos fluxos e redes dos sistemas urbanos (Baptista & Pujadas, 2000, p. 296).

Em muitos lugares urbanos circunscritos, adiantam, os residentes que trabalham fora são os que menos participam da vida quotidiana local, inversamente a outros actores sociais exógenos ao bairro. Tornam-se lugares de encontro específicos para cada subgrupo (*idem, ibidem*). Os actores sociais que residem na metrópole podem mesmo disfrutar, entre outras, de zonas de ócio de outros lugares da cidade metrópole, como é também o caso dos indivíduos que trabalham em Oeiras e que se deslocam a Carcavelos com o intuito de tomar uma refeição num espaço – cénico – que valorizam ou que aproveitam para praticar o seu *surf* durante a hora de almoço. Aos velhos residentes das cidades, temos de acrescentar processos de crescente mobilidade das populações, dependentes do policentrismo, e a que estão associadas, entre outras, dinâmicas de recreação urbana (Baptista e Pujadas, 2000, p. 298). Sustentam, apoiando-se e recorrendo a contributos de Martinotti, que hoje em dia não é possível sustentar uma análise das novas formas de morfologia urbana tendo por base tão-somente os padrões de residência ou unidades residenciais, visto que as relações entre população e território são tão dinâmicas que as perspectivas estruturais nos dizem bem menos dessa realidade do que as perspectivas do tipo processualista. Desta forma, concluem, é indispensável insistir na análise dos sistemas urbanos, entendidos como sistemas regionais que em si integram grandes zonas metropolitanas que são constituídas por dezenas, por vezes centenas, de municípios que giram em torno dos grandes centros urbanos (Baptista e Pujadas, 2000, p. 299).

No entanto, como indicámos anteriormente, esta praia, a Praia de Carcavelos, não é propriamente um destino turístico por excelência. Iremos verificar isso mesmo já de seguida.

No que remete para essa (in)visibilidade turística, voltamos antes de mais a ancorar as nossas asserções naquilo que o percurso etnográfico nos demonstrou e, em primeiro lugar, é que o português foi quase sempre a única língua que escutámos quando os actores sociais comunicavam verbalmente entre si, excluindo para um ponto pouco ou nada significativo a utilização de idiomas estrangeiros. Nesta matéria, tanto assim foi durante ou fora da época balnear.

Durante a época balnear também escutámos – ainda que reiteremos que de forma pouco ou nada significativa – alguns actores sociais que se exprimiam verbalmente com outro idioma que não o português. Espanhol, inglês e alemão foram três que conseguimos, isolando a fonética, escutar por entre os espaços da praia de Carcavelos, especialmente em estabelecimentos comerciais. A fisionomia atípica em relação à portuguesa que atribuímos aos nórdicos era outro factor distintivo que permitia identificar, muito pontualmente, turistas. Ao longo do paredão de cerca de 1km, e também num regime pautado pela pontualidade, escutámos igualmente estas três línguas, com predominância do espanhol, seguido pelo alemão que precedia o inglês. De facto, não incorremos em nenhuma inverdade ao asserir que raros foram os turistas com que nos cruzámos durante este período.

Ainda que sejam observáveis algumas matrículas de veículos motorizados de países como Espanha ou França, estes correspondem apenas a uma exígua parcela do parque automóvel visível nos estacionamento da Praia de Carcavelos, o que nos incentiva a concluir que se trata tão-somente de um número residual. É possível igualmente observar autocarros de turismo a ostentar matrícula estrangeira, sobretudo espanhola,

sendo todavia ainda menos significativos do que os automóveis, com visibilidade em número, não obstante serem capazes de carregar mais passageiros, consideravelmente menor. Contudo, como referimos, a presença de indivíduos estrangeiros na praia não passa do mero facto residual.

As entrevistas que realizámos, particularmente as semi-directivas aplicadas a proprietários de estabelecimentos comerciais, também concorrem no sentido de confirmar que a Praia de Carcavelos não é um destino turístico por excelência. Evidenciando-o, plasmamos alguns excertos:

«[...] Investigador – No Verão têm uma carga maior de estrangeiros...

Entrevistado – Tem alguns. Apanhamos os espanhóis, tem os estrangeiros, vêm-se aqui muitos estrangeiros residentes, ingleses, até porque tem aqui o colégio inglês aqui atrás, e já existe bastantes estrangeiros a viver cá que eu noto alguns clientes que já falam português, etc., que são os estrangeiros que moram cá. Estrangeiros que vêm cá em férias não se vê, não há muitos aqui.

I – Os hotéis aqui da zona não servem esta praia, então?

E – Pouco, é pouco. Ficam mais por Cascais, em Cascais já se notam muitos mais estrangeiros.

I – É uma praia mais vocacionada para portugueses...

E – É, mais portugueses. É. [...]

I – É regra ser a época mais alta até antes de Setembro?

E – É. É de Junho até Agosto.

I – Setembro já não é assim muito...

E – Cai. Cai completamente. Isto há ali antes de Agosto há ali uma quebra de pessoas que... dos nossos clientes que é pessoas daqui, isto é, portugueses, e está aqui há pouco lhe disse que muitos dos nossos clientes são portugueses, ou seja ali em Agosto há uma quebra muito grande que as pessoas aqui em redor vão de férias e na primeira semana de Agosto isto está quase deserto. E então depois começa a chegar os espanhóis, os imigrantes, então a coisa lá se compõe, durante o mês de Agosto. Ou seja sai clientes nossos, clientes do dia-a-dia, já nossos clientes que nos desaparece um bocado ali no mês de Agosto, e entram novamente novos cliente que é normalmente emigrantes, espanhóis, que vão comendo a casa; bons clientes, por acaso. Ingleses é que não se vê muito já. Antigamente o espanhol não era um grande cliente e neste momento o espanhol é melhor que o inglês.

I – Neste momento as pessoas que mais vêm de fora são mesmo os espanhóis?

E – É, é. Quando vêm, por exemplo na Páscoa, trabalha-se muito bem, se estiver bom tempo estão muitos espanhóis, mesmo. E antigamente o espanhol era mau porque pagava pouco, era mesmo ali as coisas à conta. Agora o espanhol já dá gratificação, o espanhol já consome bastante. Foi desde a altura do Euro, mais ou menos, que a coisa começou a mudar. Mas entrámos para a comunidade europeia, antes do Euro havia muitos ingleses que vinham cá, gastavam à vontade...

I – A moeda mais forte na altura...

E – Era. Mas gastavam sem olhar para aquilo que estavam a gastar, gastavam mesmo... Eu lembro-me disso porque nessa altura eu estava em Cascais, nessa altura eu lembro-me que era assim. Já o espanhol, não. E agora o inglês que aparece já vem para a praia com sacos de supermercado, tudo contadinho, vêm aqui já tudo contadinho, já não gastam assim à vontade, se calhar já consomem coisas assim mais baratas. Já não é a mesma coisa, já não o mesmo cliente, julgo eu. [...]» (excerto de entrevista semi-dirigida realizada a um proprietário de um restaurante-bar, conduzida em 23/05/2011)

Nesta entrevista é-nos veiculada a informação que aponta para um certo saudosismo, presumivelmente favorável para o comércio, em relação à anterior moeda portuguesa, o Escudo. Tal deve-se, assim o crê o entrevistado, pelo baixo valor da moeda quando comparada com a britânica Libra Esterlina e até mesmo a Peseta espanhola. O entrevistado assegura que na altura em que estas diferentes moedas concorriam se notava um manifesto poder de compra acrescentado por parte do consumidor estrangeiro, do turista. Actualmente, tal facto já não se verifica após a adesão de Portugal, e de Espanha, ao Euro equilibrando o valor real para com a Libra Esterlina, causando a diminuição drástica do consumo por parte de turistas essencialmente ingleses.

Ainda assim, mesmo acusando uma maior presença de turistas durante a época da Páscoa, o entrevistado parece-nos peremptório em considerar, e em confirmar, que de facto Carcavelos nunca foi, na sua memória, uma praia de significativo acolhimento turístico, sendo que estes últimos preferem outros territórios da vila, nomeadamente do seu centro, em detrimento de Carcavelos. As freguesias do Estoril e Cascais aparecem como sendo aquelas que acolhem em maior número, e já bem significativo, actores sociais em turismo. Refere inclusivamente, sem recolhimento, que a praia de Carcavelos é vocacionada para um uso e apropriação efectuado por actores sociais esmagadoramente nacionais.

Já de outra fonte, de um diferente entrevistado, recolhemos o seguinte:

«[...] Investigador – *O cliente aqui... não há muitos estrangeiros nesta zona, pois não?*

Entrevistado – Não e eu acho que há uma explicação para isso. Nós temos aqui dois hotéis, que é o hotel Praia-Mar e o Riviera. Eu já lá fui...

I – São os dois únicos aqui em Carcavelos.

E – Sim. Eu já lá fui. Até ao Estoril são os únicos, que eu saiba. Até ao Estoril. Depois do Estoril já começa a haver. Já fui a estes dois hotéis e fui dizer: ‘olhe, nós somos o restaurante assim, estamos neste sítio, gostávamos de fazer publicidade aqui, de por uns panfletos e assim. Vocês conhecem o sítio?’, ‘Não, não. Não conheço.’ Chefes de... directores de hotel e chefes de, como é que se chama?, de recepção. Eu disse assim ‘eu acho que vocês deviam...’ É uma vergonha.

I – Só a partir do Estoril...

E – É uma vergonha. A Câmara só olha a partir do Estoril. É vergonhoso. É vergonhoso. Isto eles vêm como a cauda da Linha de Cascais. Isto não é Cascais, é Carcavelos. Isto é só a praia com mais condições para eles fazerem coisas megalómanas. Eu cheguei a dizer aos senhores da Câmara eu se tivesse dinheiro fazia concertos aqui, eu punha isto no mapa dos concertos da Europa. Há sítios lá em cascos de rolha, que as pessoas vão para concertos, vão usar espaços lá para as Zambujeiras e não sei quê. Aqui às portas de Lisboa? Vocês ainda não olharam para isto com olhos de ver. Mas olhe, vocês é que sabem.

I – Em Oeiras, por exemplo, já fazem o Optimus Alive.

E – Eu já lhes disse: ‘vocês, se não sabem, aprendam com os outros; olhem, imitem os outros, têm ali a Câmara de Oeiras; aquele senhor que se calhar já fez trinta por uma linha, não devia ter feito, mas faz coisas que vocês já deviam ter feito também. Imitem as pessoas que fazem as coisas bem feitas. Eles têm boas praias e condições para fazerem qualquer coisa. E eles fazem. Esta praia podia ser uma coisa de outro mundo. Vocês não querem.’

I – Parece-me que o Turismo... estão mais interessados em apostar no centro de Cascais...

E – Pois, centro de Cascais...

I – Um turismo mais elitista, por assim dizer.

E – Exactamente. Mas quer dizer, Carcavelos não pode ser elitista porquê? Pá, é a única praia, que eu saiba, que é iluminada como esta. Para fazer actividades desportivas tem campos de volley... aliás, estes campos de volley foram postos por nós. Os campos de volley... olhe, estas barras que estão aqui, este circuito de manutenção que estão aqui, fui eu que os montei há sete anos. Campos de volley temos há anos. Já o antigo dono tinha, que eram dois postes de madeira. Se isto hoje em dia é considerado no Plano de Ordenamento da Orla Costeira zona desportiva, esta zona daqui, a nós nos deve. Muito a nós nos deve, porque isto... começámos por ter campos de volley, começámos por ter a primeira escola de surf da Linha, começámos por meter estas barras aqui. São milhares as pessoas que usam este espaço. A custo zero, a custo zero. Eu morei aqui durante sete anos. Aqui, a tomar conta disto, que isto era assaltado, era vandalizado. E pronto, sei o que é que era isto. Na altura éramos nós que púnhamos luzes nossas a apontar para o campo de volley. [...]

I – Só há dois hotéis daqui até... também não é uma praia de Turismo?

E – Não, não, não. Ainda por cima os hotéis não são capazes de ter um conhecimento do que se passa aqui na praia. E eu disse ‘olhe, se eu tivesse um espaço como vocês não divulgava qualquer espaço; mandar os meus clientes para o restaurante A, B ou C, ainda por cima pode ser uma espelunca, não; era bom vocês verem o espaço de que eu estou a falar, que é um espaço agradável e que se come boa comida, pronto, que eu quero deixar cá publicidade mas quero que vocês percebam que aquilo é um espaço que vocês podem mesmo mandar os vossos clientes que não é mais um entre trezentos, não é?’ [...]» (excerto de entrevista semi-dirigida realizada a um proprietário de um restaurante-bar, conduzida em 04/05/2012)

Novamente, nesta entrevista obtemos a informação de que a presença de turistas na praia, quando existe, e patente particularmente nas ditas épocas altas, é meramente residual.

Neste texto o entrevistado transmite-nos a não existência de muitos estrangeiros como seus clientes, restando portanto como esmagadora maioria de clientes, ao longo do ano, aqueles que de nacionalidade portuguesa. Nega, neste caso, um uso reiterado do seu estabelecimento por turista, tal como já havíamos verificado no excerto da entrevista precedente. Começa a apresentar como razão o facto dos dois principais hotéis que se localizam junto à praia não direccionarem para os estabelecimentos ali sediados os seus hóspedes, insinuando uma falta de diálogo e de sinergias entre os estabelecimentos hoteleiros e os estabelecimentos existentes na praia. Faz questão em apontar que, piorando a situação, só a partir do Estoril é que o número de hotéis começa a ser realmente significativo, remetendo responsabilidades para a CMC que diz só olhar a partir do Estoril e estigmatiza Carcavelos como sendo observada como a cauda de Cascais por essa entidade. Assere, inclusive, ter contactado a CMC no sentido de a sensibilizar que a praia reúne as melhores condições para que nela se realizem megaeventos, como concertos de grande dimensão na mesma linha dos que têm lugar em Oeiras, justificando que a proximidade com a cidade de Lisboa seria nada mais do que um enorme facilitador. Embora esses eventos, eventualmente concertos de grande dimensão, pudessem vir a ter lugar na praia de Carcavelos, é nossa opinião que esse facto poderia contribuir para atrair mais utentes metropolitanos, em número e diversidade, e somente um número bastante residual de turistas, se bem que possivelmente mais do que aqueles que actualmente utilizam a praia e os serviços colocados à sua disposição.

Quando questionado se o investimento no turismo por parte dos decisores políticos se centra exageradamente no centro de Cascais, diminuindo o potencial que observa em Carcavelos, o entrevistado não hesita em anuir e em confirmar a nossa tese de que Carcavelos tem sido secundada como protagonista na cena do turismo. Faz valer igualmente como seus argumentos que a praia de Carcavelos poderia tornar-se igualmente um destino para as elites, considerado o rol de equipamento de que a praia está dotada, inclusive de iluminação nocturna, muito particularmente orientado para práticas lúdicas em que são exemplificados desportos tais como o *volley* de praia e o *surf*. É um espaço, sustenta, utilizado por milhares de pessoas e que, pelo seu mediatismo, poderia ser mais bem aproveitado para os usos definidos por turistas.

Pretendemos apenas concluir que o turismo em Cascais, como já observado, não depende apenas do seu carácter lúdico, mas também da sua atratividade face ao turismo de negócios, como o dito MICE. Parece-nos que a praia de Carcavelos, no que respeita a esta última vertente, a de turismo de negócios, não se encontra adequada exactamente da melhor forma, falhando inclusivamente na existência de unidades hoteleiras capazes de hospedar potenciais turistas. Esse equipamento, e outro que complementar, como centros de reuniões, se encontram já bem firmados no Estoril e no centro de Cascais, o que, conseqüentemente, concorre para empurrar a praia de Carcavelos para uma situação de dita quase invisibilidade turística.

Referências

Baptista, L. V. & Pujadas, J. J. (2000). Conflito e entreposição: os efeitos da metropolização na vida das cidades. *Forum Sociológico (2ª Série)*, IEDS-FCSH-UNL, 3/4, 293-308

Bassand, M. *et al.* (2001). *Vivre et créer l'espace public*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes

Bassand, M. (2007). *Cités, villes, métropoles. Le changement irréversible de la ville*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes

Bernard, H. R. (2006). *Research methods in Anthropology. Qualitative and quantitative approaches* 4th edition). Oxford, UK: AltaMira Press

Hannigan, J. (2000). *Fantasy city. Pleasure and profit in the postmodern metropolis* (reprinted). London & New York, NY: Routledge

Martinotti, G. (1993). *Metropoli. La nuova morfologia della città*. Bologna: Il Mulino

Pais, J. M. (2010). *Sociologia da vida quotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais